

A SEMANA DE ARTE MODERNA EM PARALELO A ORALIDADE NORDESTINA

THE WEEK OF MODERN ART IN PARALLEL TO NORTHEAST ORALITY

*Bruno de Jesus Hartman*¹ - FAAC/UNESP

Resumo

Esta narrativa busca contar uma história e alinhá-la ao estudo crítico do acesso à educação, história que foi a realidade familiar de muitos brasileiros, mesmo que há anos, em um contexto do êxodo nordestino brasileiro, destacando a figura das mulheres da minha família das quais conheço ou já conheci, organizando uma exposição textual e cronológica para representar e ampliar a voz de uma família nordestina que enfrenta um projeto de esquecimento e que ainda assim é pilar de sustentação para valores intergeracionais. Entre a falta de acesso e a educação informal, entre a religião e o folclore, entre a língua indígena e um português em construção e entre a fome e a ditadura, essa pesquisa investiga esse povo do campo que é colocado em urbanidades para viver em favelas e constituir mãos de obra, com olhos cansados demais para ver a dura poesia e a infeliz arte do que era moderno e brasileiro. O artigo se norteia refletindo que brasileiro era aquele das pinturas; estudado, bem-vestido, branco, sem calos nas mãos e que Brasil era aquele, bonito, assistido, moderno, pintado por Tarsila.

Palavras-chave: Educação no campo; emigração; arte moderna; identidade; mulheres.

Abstract

This narrative seeks to tell a story and align it with the critical study of access to education, a story that was the family reality of many Brazilians, even years ago, in a context of the Brazilian northeastern exodus, highlighting the figure of the women in my family from which I know or have already met, organizing a textual and chronological exhibition to represent and amplify the voice of a northeastern family that faces a project of oblivion and that is still a pillar of support for intergenerational values. Between the lack of access and informal education, between religion and folklore, between the indigenous language and a Portuguese language under construction and between hunger and dictatorship, this research investigates these rural people who are placed in urban cities to live in favelas and create workforces, with eyes too tired to see the harsh poetry and unhappy art of what was modern and Brazilian. The article is guided by reflecting on which Brazilian was the one in the paintings; studied, well-dressed, white, without calluses on his hands and that Brazil was that, beautiful, assisted, modern, painted by Tarsila.

Keywords: Education in the countryside; emigration; modern Art; identity; women.

¹ Graduando em Artes Visuais pela Universidade Estadual Paulista Julio de Mesquita Filho - FAAC/Bauru. Integra o projeto coletivo de estudo crítico pelo PROAC-SP. Bolsista do Projeto de Extensão Galeria e Acervo de Artes Visuais FAAC. Desenvolve projeto de Iniciação Científica PIBIC em modalidade ICSB. Lattes ID: <https://lattes.cnpq.br/4223323516042102>.

Introdução

O anseio de poder amplificar os ramos da educação através e em paralelo à arte surge de algumas das histórias entre silêncios que minha mãe, Joana Maria de Jesus, sempre fazia chegar em algum momento, sutilmente, no meio de uma conversa, aproveitando um assunto para (re)contar sua trajetória no distante município de Caetité, sertão da Bahia.

E nesse escrito, uma pequena narrativa crítica, busco pela possibilidade de afirmações decoloniais que consideram etnias originárias do nordeste brasileiro e traçam uma linha (não tão linear) até o presente, em busca de evidenciar como a ausência da educação formal não parou de potencializar uma forte construção familiar pela oralidade que se fez e ainda faz-se presente na trazida de saberes e práticas e como, a partir dela, pode-se perpetuar uma história não contada, apenas vivida. No meio dessa tradição oral há discretos sinais de um sincretismo vivido pelas últimas gerações da minha família; é fácil encontrar uma superstição ou prática deslocada de alguma religião de matriz africana convivendo em paralelo à crença católica ou evangélica da minha mãe, minhas tias, avó e bisavó.

A Semana de Arte Moderna em São Paulo, se bem que mais suas leituras e interpretações, viria a dividir águas e pensamentos e garantir uma base sólida para a identidade desse estado do sudeste tempo depois, apresentando mulheres e homens artistas que traziam linguagens e manifestos para dentro de um espaço ocupado por um público da elite, muitas vezes composto por aquelas e aqueles mesmos, movido ao fluxo do que se era produto da economia da época - o café. Em um questionamento sobre o que se há de comemorar com coerência, a autora Boaventura (2013, p. 23) critica que “para a arte, o marco zero são as obras e não as semanas, convenhamos, o ano de 1922 ofereceu uma série de produções dissonantes, em relação à produção oficial”, e visto das discussões que tiveram amplificação nos últimos anos, há ausência em peso de uma série de grupos sociais que foram excluídos do que seria a maior afirmação de arte no Brasil. Enquanto São Paulo acabara de vibrar um carnaval em frequência diferente com a Semana de Arte Moderna, na Bahia, poucos meses depois, nascia Maria Joana de Jesus, minha avó, em agosto de 1922. Um centenário à vista.

Uma semana de Arte Moderna

Movendo os olhos para mais de seiscentos quilômetros da capital da Bahia, em Salvador, a criança recém-nascida ainda não podia imaginar a carga histórica e a vivência a qual passaria a levar consigo, seja como verdade tomada ou rumor, nascendo em Caetité, na terra pura da passagem de, pelo menos, quatro etnias indígenas observadas e mencionadas pelo costume da oralidade, como sendo os originários Tupinaens e Paiaíás. Nas informações orais coesas em relação à essas histórias que minha mãe dispersa, é possível destacar uma frase sem muita (des)construção envolvida: “[...] sua avó dizia que a avó dela era índia, dos cabelos escorridos, tinha uma pele ‘de cor’ e olhos mais cerrados”.

E em uma rápida pesquisa, há como concretizar estas ideias. Minha mãe, Joana, não se lembra de já ter ouvido o nome dessa “avó”, mas acredita que sua mãe, Maria, se referia à bisavó dela, pois desta, não recorda o nome. E ela explica isso não ser insensibilidade da parte dela, mas sim uma relação diferente da que temos atualmente, bem como, por exemplo, a ausência na emissão de documentos de identidade naquela região e muito provavelmente, naquela época. Maria Joana de Jesus, minha avó, emitiu seu primeiro Registro Geral em São Paulo, no ano de 1983, aos 61 anos.

Estes ‘índios’ referidos por minha mãe, se apresentam em pesquisas como os povos originários da linhagem Jê, tronco linguístico que estabelece um elo entre as comunidades indígenas construídas pela partilha da língua - originando dialetos -, que registra uma movimentação e consequentemente uma dispersão linguística. Além de denunciar um claro apagamento da presença desses grupos pela região central do Brasil, bem como é sabidamente recorrente em todo território brasileiro, aqui representado pela região de Caetité, na Bahia.

Nem minha avó, nem minha mãe souberam dizer a qual etnia indígena a mulher pertencia, nem seu grau de relação com a comunidade, mas diz-se em pesquisas de períodos mais remotos, considerando a falta de registros documentais, que originários da família linguística maxakali – os Pataxó – habitavam em grande volume a região onde hoje é Caetité e os municípios vizinhos, região do extremo sul da Bahia, em que alguns se instalaram e abdicaram da prática do constante deslocamento. Atribui-se também esse apagamento documental ao fato de que:

[...] a imagem de que os Pataxó não eram os habitantes deste grande território que compõe o atual extremo sul da Bahia, disseminada principalmente nos embates dos processos de demarcação das terras indígenas, nos quais os agentes econômicos e políticos dominantes buscam deslegitimar o direito à reparação territorial com a negação da história da ocupação tradicional e com o silenciamento dos episódios de violência e expropriação territorial. (CANCELA, 2020, p.19).

A expressão do idioma original maxakali ainda persiste, embora as gerações se coloquem cada vez mais em contato com a língua portuguesa, criando um atravessamento de linhagens que, de alguma forma, até metade do século XX, não havia atingido quase nenhum ponto da educação básica na pequena cidade baiana.

Não alfabetizada, Maria Joana de Jesus não teve acesso ao ensino básico uma vez que estas práticas eram muitas vezes decididas por uma figura paterna banhada em uma estrutura patriarcal e antiga, como foi com sua filha, Joana Maria de Jesus, à qual Maria homenageou anos depois dando o mesmo nome de sua mãe. Até pouco tempo, quando eu e minhas irmãs tentávamos incentivá-la a ingressar na modalidade EJA para retomar os estudos, por exemplo, nossa mãe dizia que há muitas limitações que ela não conseguiria ultrapassar - mesmo com nosso suporte - e por vezes ela, que tem uma instrução básica para escrever e ler, o faz com poucos erros e diz que uma das coisas que gostaria de ter aprendido era “ler e escrever direito”. Mesmo o acesso desigual é um rastro que se inicia em grosso traço nas regiões mais favorecidas do Brasil e vai se apagando conforme perpassa pelas regiões do sertão.

Uma semana de arte nunca seria assunto na mesa de casa, em que seu marido, filhos e filhas, ao seu lado, formavam a corrente a manter a casa, trabalhando, para dentro, na cozinha e para fora, na 'roça'. E esse rastro de desigualdade ainda iria percorrer pela história de sua filha, Maria Joana, que se mudava de casa pouco antes de engravidar do primeiro dos oito filhos que teria dali em diante, dos quais passariam por uma pequena amostra do acesso à educação básica, mas que alguns, por necessidade, desertaram da ideia para trabalhar.

O início dessa investigação traz a Semana de Arte Moderna em São Paulo como um paralelo ao ano de nascimento da avó, Maria Joana, aproveitando o confronto da dissonância do acesso garantido à educação e à arte, vinda de um lugar que serviu de porto para o encontro de línguas que passaram por modelagens diretas aos feitos da colonização.

Figura 1 - Gravura



Fonte: As Marias, 2022, produção autoral, técnica de gravura em acetato.

A imagem obtida em gravura ilustra a passagem do tempo cronológico entre três gerações e apresenta elementos que as distinguem de acordo com a formação e mutação de seus valores. As três mulheres ilustradas em cordel correspondem a, da esquerda para a direita: Joana Maria de Jesus, minha bisavó, Maria Joana de Jesus, minha avó, e Joana Maria de Jesus, minha mãe. Os elementos com os quais elas se relacionam estão ligados às suas relações religiosas com os diversos contatos estabelecidos durante suas trajetórias; um rastro da cosmovisão indígena e do contato com o candomblé, a experimentação da liberdade religiosa como sincretismo e esse extenso contato sendo perdido com a última geração, que se associa com o culto evangélico.

“Educai-vos” o povo dessa terra

Nascia na cidade de Caetité, do Tupi "Mata da Pedra Grande" ou "Mata da Pedra Verdadeira", referenciando a formação rochosa redonda no leste da cidade, a família de Maria Joana de Jesus, constituindo uma casa pertencente ao então marido, para onde se mudou após o tradicional e simples casamento em igreja.

Não existem relatos da minha mãe que cobrem a dúvida do quão distante ficou a relação de Maria Joana e seus pais após sua mudança. Seus avós também já haviam falecido nessa época, Delfino Duarte e Cândida Maria de Jesus, cujos nomes encontrei postumamente na abatida certidão de nascimento da neta.

Nos anos seguintes, precisamente em 1948, quando ela tinha 26 anos, nascia seu primeiro filho, Joaquim da Silva Souza e seis anos depois, em 1954, sua primeira filha, Nair Maria de Jesus. No período entre estes dois, nasceu o segundo filho de Maria, José da Silva Gomes, cuja data de nascimento em seu Registro Geral é inexata, datando 1929 como seu ano de nascimento. Uma certa incoerência na emissão de seu documento que só veio ser expedido em 2003. E com diferença de dois a três anos, nasceram os outros cinco filhos de Maria; entre eles, minha mãe, Joana, concebida com o nome da avó.

Há mais um traço curioso na construção dos nomes dos filhos de Maria Joana; os três homens, foram os únicos registrados pelo pai e levam o sobrenome "Silva Gomes", com exceção do primeiro filho que teve o sobrenome "Silva Souza", também do pai. E as cinco mulheres, registradas apenas pela mãe, levam, sem alterações, o sobrenome "Maria de Jesus", da mesma. Embora o município estivesse equipado de estrutura básica para serviços públicos, pode-se considerar que os órgãos de registro precarizados por ausência de atenção e o acesso a estes formava uma barreira para a população residente das áreas rurais, como a família de Maria, que residia na região do Baixão, em Lagoa do Canto, uma localidade hoje tomada por fazendas, sítios e ranchos, sem estradas municipais registradas.

A ausência dos processos de escolarização nas zonas rurais também deve entrar na discussão como agente problemático da organização do município de Caetité, que àquela altura, já recebera créditos por ser pioneira na educação regional com a instituição da Escola Normal, que havia sido

reinaugurada por Anísio Teixeira, importante personalidade do sistema educacional baiano. Bem como outras poucas iniciativas, estas eram direcionadas para as áreas urbanas e, conseqüentemente, para a elite.

A educação e a formação para os trabalhadores e residentes do campo não encontra suporte mesmo partindo do viés que a economia nacional se dá por base da agricultura e esses pequenos produtores são o futuro desse movimento. Em relação a escolarização do campo, investiga-se que a visão urbanocêntrica, na qual o campo é encarado como lugar de atraso, meio secundário e provisório, vem direcionando as políticas públicas de educação do Estado brasileiro, e não é para o campo.

Para grande parte da população rural, analfabeta e reclusa dentro do objetivo do trabalho para viver, a leitura desse esquecimento não era tão nítida a ponto de ser quase impensável uma movimentação de cobrança por direitos básicos, como saúde, educação e renda. Por sua vez, a elite agia contra a possibilidade de dar voz àquela população e detinha o povo preso em um ciclo de condições extremamente desiguais.

Em relatos colhidos pelas minhas tias e mãe, é possível compreender que o período escolar delas se passou antes da reforma educacional da década de 90 e entender como eram as poucas escolas existentes no município, que segundo os relatos ficavam na área mais central de Caetité; sendo a maioria delas de classes multisseriadas, quando um professor era responsável por todas as séries e alunos de diferentes idades.

Segundo Teixeira e Nunes (2019), o professor, que por vezes trabalhava sem uma formação profissional, realizava um deslocamento longo e precário diariamente até a unidade e desenvolvia outras funções dentro do espaço, como merendeiro, e a infraestrutura básica da escola, bem como a falta de materiais pedagógicos e didáticos para o aluno e professor, atrasava ainda mais os processos dentro da escola. As famílias, sem condições, não conseguiam manter todos os filhos na escola.

Em paralelo, na casa de Maria, seu marido, não permitia que os filhos fossem à escola no período correto para idade-série, a justificativa era a dedicação quase que exclusiva com o trabalho doméstico ou do campo; e simultaneamente, essas escolas, que se mantinham há algum tempo, no intuito

de especializar a mão de obra do campo, passavam por um desmonte devido o sucateamento que fazia a relação ensino-aprendizagem ter pouca ou nenhuma efetividade.

Quando questiono minha mãe para entender como foi a vivência dela e das irmãs na escola, me deparo com uma realidade em que essas escolas já estavam inviáveis, destaco quando ela diz: “[...] estudávamos na casa de uma vizinha nossa, que era professora, ela tinha a quarta série e dava aula. Era só umas horas à tarde, na casa de uma amiga da gente”, e completa: “Eu não fiz nem a primeira série, eu comecei, mas aí fiquei doente com sete anos. Eu ia e levava a Dalva e a Marli comigo, elas eram pequenas, a gente dividia um caderno daqueles que nem é de mola”. Em outro relato, minha tia, Dalva Maria, completa dizendo que essa professora dava aula na casa dos pais, “uma casa normal, de família”, na sala deles; uma casa de alvenaria, com telhas e madeira e conta que o lugar devia ficar a cerca de um quilômetro e meio da casa delas.

Minha mãe acrescenta que a irmã, dois anos mais velha, Valdira Maria, se mudou por um período para morar com um tio, ainda no município, e frequentou aulas que aconteciam na casa dele, também ministrada por uma professora; ela foi a mulher da família que teve contato por mais tempo com a educação, mesmo que informal, enquanto estavam na Bahia. O irmão, Sivaldo, que também mudou-se por um tempo para trabalhar com o padrinho, frequentava aulas à noite, com outra professora, no mesmo formato.

Os primeiros filhos e irmãos mais velhos, Joaquim, José e Nair não tiveram contato com esses modelos de ensino. Os homens se encarregavam de ajudar o pai nas plantações e colheitas, as mulheres, mesmo que mais novas, ajudavam a mãe nas tarefas domésticas que também incluía dar suporte para o pai na roça, que ficava distante da casa da família, segundo relata minha mãe.

Em meio aos relatos da rotina da família, é perceptível e possível mapear uma ideia de como eram as relações de Maria Joana – e consequentemente dos filhos – com um discreto sincretismo religioso, que só era possível devido ao contato limitado que tinham com a visão cristã, que baseava-se em um contato muito superficial com o material teológico (como a Bíblia, por exemplo) atribuído principalmente a ausência de alfabetização, e um aprofundamento maior para com as práticas e datas cristãs, sem tanta influência da doutrinação. Nos costumes que suas filhas carregaram até pouco tempo, há uma série de práticas

que vão além do catolicismo; as filhas, e, falo seguramente, netas de Maria eram constantemente levadas a benzedeiros, havia muitas crenças passadas através de uma tradição de oralidade que percorriam entre mitos e superstições, principalmente algumas ligadas a saúde dos recém-nascidos e das crianças.

O conhecimento em simpatias era algo muito comum entre as famílias daquela região do sertão, bem como a presença de muitos terreiros na vizinhança, denotando como alguns conhecidos da família e parentes próximos mantinham uma série de heranças diaspóricas, ligadas principalmente ao candomblé, segundo relatos, que influenciavam discretamente em algumas práticas e crenças da família de Maria.

Envolvida em uma dissolvida cultura folclórica no cotidiano, mesmo sem se dar conta da origem do que era muito replicado, minha mãe conta como a época da quaresma despertava muita atenção dela e das irmãs, que se mantinham de olhos abertos para eventuais perigos e restringiam seus horários de caminhada pela região do Baixão.

Em um relato que, para minhas irmãs e eu era um tanto abstrato, minha mãe relata a aparição de um animal muito agressivo como um cachorro, com feições e tamanho de um homem, que rodeava o bairro nas noites de sexta-feira. O bairro, que pode-se descrever como um conjunto de terrenos e sítios, sem iluminação e sem pavimentação, mantinha um certo afastamento entre as casas. E acreditar na minha mãe, uma mulher cética e com uma valiosa vivência, sempre foi muito fácil para nós, filhos, credibiliza-la.

Hoje discute-se a maneira como estas histórias intergeracionais eram reproduzidas oralmente pelos pais e avôs como meio de proteger as crianças e até mesmo as mulheres da violência que nem sempre se apresentava como explícita. Em relação às histórias que cruzam o sagrado e o real, acrescentando mais um traço de autenticidade para a identidade nordestina, observo como é tido o termo folclore:

Diante desta forte distinção entre os modos de vida, o uso do termo folclore, na perspectiva de Florestan Fernandes, remeteria à “cultura das classes baixas” [...]. O folclore seria considerado diferente da cultura “oficial” por ser transmitido oralmente; enquanto a cultura (erudita)

caracteristicamente seria produzida/transmitida por meio da escrita, compreendendo os meios científicos, as artes em geral e a religião oficial (ESCÓRCIO, 2021, p. 16).

Após dois meses internada com a condição de saúde que a tirou da escola aos sete anos – o desenvolvimento de uma doença chamada xistose –, minha mãe passaria por mais um ano de recuperação em casa devido uma complicação no rim, sendo medicada diariamente por uma tia. Em sua ausência, as irmãs mais novas pararam de frequentar as aulas, o que refletiu na contínua ausência do processo inicial de alfabetização.

Nair, a primeira filha de Maria, dá início a uma trajetória que seria repetida pelas irmãs meses depois, vindo para São Paulo com a ajuda de amigos da família para trabalhar como doméstica e seis meses depois, minha mãe, Joana, atravessava os estados da mesma forma, ambas com o genuíno intuito de trabalhar para atender uma dura realidade de fome da mãe e irmãs, na Bahia.

Figura 2 - Fotografias



Fonte: Fotografias de Joana Maria de Jesus de 1982.

Nas capturas, Joana Maria, adulta, volta à Bahia com um aparelho fotográfico e reúne algumas divertidas fotos das regiões que frequentava, como estas, no povoado de Santa Luzia. Na primeira fotografia, Joana captura a saída de sua mãe e sua irmã Nair da Igreja de Santa Luzia, acompanhadas por outros

familiares de Caetité. Na segunda, Joana captura seus dois irmãos e o seu cunhado, indo em direção a um boteco, no mesmo povoado.

E novos baianos passeiam na sua garoa

A modernização jogou essa gente do campo e da floresta para viver em favelas e em periferias, para virar mão de obra em centros urbanos. Essas pessoas foram arrancadas de seus coletivos, de seus lugares de origem, e jogadas nesse liquidificador chamado humanidade. Se as pessoas não tiverem vínculos profundos com sua memória ancestral, com as referências que dão sustentação a uma identidade, vão ficar loucas neste mundo (KRENAK, 2020, p. 14).

A primeira filha de Maria a vir para São Paulo foi Nair Maria, que escolheu trabalhar na casa de parentes de conhecidos da família, onde também moraria. Após seis meses, no ano de 1966, Joana Maria também chega à capital paulista, para trabalhar em condições parecidas. Em alguns relatos da minha mãe faz surgir em mim uma efêmera preocupação quando o tom da sua voz explicita que veio trabalhar assim que se recuperou: “[...] eu já vim certa para trabalhar aqui”. No entanto, me tranquilizo quando ela conta do bom tratamento que tinha, com a colocação de que “vivia em família” sendo bem concreta. Valdira Maria seguiu a trajetória das irmãs pouco tempo depois.

Em Caetité, Marli e Dalva retomaram o estudo no povoado de Santa Luzia, ainda no município, em um prédio que minha mãe cita como um grande salão. O ritmo era parecido com as aulas que tinham na casa da vizinhança, as aulas eram multisseriadas, mas foi um período curto entre a falta de docente, a distância da escola e a frequência das alunas que conciliavam com o trabalho doméstico com a mãe. Dalva viria para São Paulo anos depois e Marli veio a primeira vez em companhia de Maria e sempre retornava para Caetité. Joaquim foi o único filho homem de Maria a vir morar em São Paulo, mas passou mais de dez anos sem contato com a família, morando em Rondônia, depois da promessa que encontraria as irmãs. Era uma linha de consequências que, se

traçadas, poderia ser ilustrada entre a obra *Retirantes* (1936), de Candido Portinari e a obra *Operários* (1933), de Tarsila do Amaral.

Em São Paulo, as três Marias trabalhavam e moravam em casas de família na região da Zona Leste da cidade e, embora cada uma das irmãs ocupasse uma casa, estavam sempre nas proximidades. Vila Ema, Vila Alpina e Vila Prudente foram os primeiros bairros que conheceram. Era o auge da ação da Ditadura Militar no estado, com a queda do governador, deixando a incisão militar mais precisa frente a população. Quando questiono minha mãe sobre esse período de sua chegada e o que acontecia em São Paulo, ela me entrega um fato muito curioso. Elas eram invisíveis em meio a isso tudo, embora fossem mulheres de pele parda e preta, trabalhavam dentro e para casas de famílias abastadas, lidavam com ciclos restritos e tomar frente em partidos políticos e movimentos sociais antirracistas e de libertação não fez parte da trajetória das irmãs, embora fossem afetadas pelas políticas autoritárias. “Eu não entendia o que era diferente, mas era coisa de São Paulo”, comenta ela, que não tinha noção do quão expansivo foi o golpe.

A desinformação que as perseguia desde Caetité custou algumas lacunas nas interpretações sociais. Não pode-se negar que existiu uma valiosa contribuição como papel de informação por parte das famílias para as quais elas trabalhavam, porém hoje é possível perceber que alguns de seus ‘patrões’ não pagavam as contribuições devidamente, fato que reflete em conflito nos processos de suas aposentadorias.

Nair, que não havia estudado nem de maneira informal em Caetité, se matriculou no Mobral (Movimento Brasileiro de Alfabetização) quase uma década depois de sua chegada, onde passa a frequentar os encontros periódicos. O movimento que era formulado com a ideologia do regime militar surgiu como maneira de preencher os espaços de educação que ficaram após a queda do governo, em 1964, aqueles que eram considerados subversivos.

O processo funcionava por encontros com seminários ministrados por agentes culturais, que adequavam o plano nacional à realidade do estado ou região. O movimento dizia não impor ideais, apenas condições para fomentar atividades regionais e oferecer educação continuada, tanto que passa a

promover uma série de programas locais com envolvimento das comunidades. No entanto, “os métodos de ensino eram gritantemente inadequados, além de em alguns casos, obsoletos”, revela uma publicação do Arquivo Nacional, tanto que perto de sua extinção, o movimento pouco mudou a realidade do analfabetismo, gerando até “taxas de evasão e de regressão ao analfabetismo muito altas”. Dalva retomou os estudos pelo EJA já nos anos 2000 e concluiu sua certificação na cidade onde as irmãs e ela moram. Programas bem elaborados como a atuação de Paulo Freire em Angicos, por exemplo, se mostrariam extremamente eficientes se expandidos para as áreas afastadas dos centros no Nordeste, como Caetité.

Joana Maria, por sua vez, recebeu assistência de seus primeiros patrões principalmente em relação a sua saúde, pois teve que continuar se tratando da xistose com vitaminas, medicamentos e exames periódicos até estar completamente recuperada. Quando sai do trabalho em casas de família, anos após sua chegada, Joana migra para trabalhos informais, exercendo função em Salões de Cabeleireiro e Buffets. Àquela altura ela e suas irmãs, Valdira e Dalva, dividiam o aluguel de uma casa em São João Climaco, nos arredores da ‘favela’ do Heliópolis, a maior periferia paulista.

Ainda unidas, as irmãs foram conquistando seus espaços na capital paulista. Dalva casou-se e passou a morar separada das irmãs, na mesma região. Nair, também casada, conquistou seu apartamento, na Zona Leste. Valdira passava a morar com o marido assim que minha mãe, Joana, alugava uma casa no mesmo quintal que as irmãs e Marli acompanhava Maria desde sua primeira vinda para São Paulo, que se dividia entre passar tempo com as filhas.

Joana e Nair chegaram a visitar Caetité novamente em 1982, em um período que Maria foi hospitalizada devido uma picada de cobra, passaram cerca de dois meses na cidade e é desse momento que encontro algumas fotografias que minha mãe fez.

Ao retornar em São Paulo poucos anos depois, Maria já era avó e acompanhou parte dos primeiros meses de vida dos netos, inclusive de minha mãe, Joana, que estava grávida da primeira filha e teve a presença de Maria no nascimento, antes dela partir novamente para Caetité. Dentre as irmãs, destaco

o esforço de como minha mãe, nunca casada, enfrentou em dobro o desafio de ser mãe por criar os três filhos sem o suporte dos dois pais, mas podendo contar com as mãos das irmãs estendidas para apoiá-la e vice-versa. Por anos foi uma mulher que fazia mais do que uma dupla jornada diária para trabalhar e garantia a cumplicidade e afeto para os filhos e para a família.

A vinda de Maria se tornou mais frequente para São Paulo, pois muitos de seus exames periódicos, consultas e medicamentos eram mais acessíveis estando no centro urbano, até que ela passa a morar com as filhas, em meados dos anos 2000, passando temporadas na casa de cada uma. A essa altura, as Marias haviam se descentralizado da capital paulista, marcando passagem por várias cidades, como São Caetano do Sul, Ipiranga, Guaianazes, Sapopemba, Jaraguá, Franco da Rocha e por fim em Francisco Morato - onde Joana, Dalva e Valdira constituíram casa própria. Joaquim também veio a aparecer pouco antes da penúltima mudança das irmãs, e no fim se instalou na mesma cidade. Nair, em Sapopemba e Marli em Guaianazes.

Porque sobre as mulheres muito pouco se sabe. De nossos pais sempre sabemos alguma coisa, um fato, uma distinção. Mas de nossas mães, de nossas avós, de nossas bisavós, o que resta? Nada além de tradição (WOOLF, 1929, tradução de Leonardo Fróes).

Optei por não dar foco e nome para meu avô, nem para os maridos de minhas tias e nem meu pai. É uma história de mulheres, sobre mulheres, de alguém que as conheceu e precisava eternizar essa memória.

Maria Joana faleceu em 2009, meses após o falecimento de seu primeiro filho. Sua filha mais nova, Marli, partiu prematuramente em 2022 e como sua mãe, era forte, humana e emanava uma fé inabalável. Maria deixou para as filhas muito da sabedoria de vida que colheu e que vai além dos muros de uma instituição, de um certificado, de um papel. Admirando-as me pergunto, *é possível ensinar dessa humanidade?*

Considerações finais

O percurso desta pesquisa buscou apresentar as tensões acerca da educação no campo e o ausente acesso à arte quando em comparação às outras capitais brasileiras, reunindo relatos e situando as principais agentes desta narrativa para que o contato com esse processo de apagamento seja mais claro e afetivo. A crítica à semana moderna apresenta um viés de denúncia frente aos problemas na alfabetização nacional e em regiões afastadas.

A partir da construção cronológica da trajetória da família nordestina vinda para o sudeste, sobressai não só assuntos como educação e acesso à arte, como também negligências sociais, o sincretismo religioso, a desinformação e exploração no meio de trabalho, temas que são base para ilustrações e interpretações trabalhadas no presente artigo. As fotografias de Joana Maria também fazem paralelos com os registros da vivência e retorno ao povoado de Santa Luzia, que aproxima da narrativa as noções de arquitetura, religião e cotidiano.

A abordagem dessa pesquisa percorre os contextos históricos nacionais através das experiências reais e reflete a importância de compreender a vivência e registrá-la como meio de resistência e preservação da identidade, por vezes, coletiva, seja da língua, da cultura ou da origem.

Referências

ALVES, FERNANDES. Educação no/do campo no município de Caetité (BA): Realidade e Enfrentamento. Fortaleza: Educação em Debate, 2019.

BOAVENTURA, Maria Eugenia. Semana de Arte Moderna: O que comemorar?. São Paulo, Campinas: Unicamp, 2013.

CANCELA, Francisco. História dos Pataxó no Extremo Sul da Bahia: Temporalidades, Territorializações e Resistências. UNEB, Bahia, 2020.

KRENAK, Ailton. Ideias para adiar o fim do mundo. São Paulo: Companhia das Letras, 2020.

VASCONCELOS, Andrea Escórcio. Narrativas sobre o Curupira: povos originários, folclore e mercantilização da cultura. Guarulhos: Universidade Federal de São Paulo, 2021.